

# REGIONAL DA NAIR E A CONSTITUIÇÃO DE ESPACIALIDADES NO BAR DA ZILDA

Tuani Guimarães de Ávila Augusto<sup>1</sup>

## APRESENTAÇÃO

Esta discussão surge de uma sugestão em um dia qualquer ao som de um samba no Bar da Zilda: ‘Amanhã tem ‘os universitários’, você vai gostar’. Isso foi o que me sugeriu uma das pessoas que atende os frequentadores. Eu já sabia do que se tratava. Era do Regional da Nair que falava. Já frequentava o Bar da Zilda esporadicamente, e ainda mais depois que o Regional passou a se apresentar por lá. Era de se intrigar com a sugestão, por me identificarem como ‘universitária’, e pela diferenciação que existe entre o público do Bar da Zilda e o público do grupo Regional da Nair. Além deste caso, em uma de suas festas na qual também ocorreu a apresentação do grupo Lobos do Samba, que se apresenta todas as semanas no bar, notei 2 momentos na festa. Ambos os grupos se apresentaram no interior do Bar, enquanto o Lobos do Samba tocava um público acompanhava a apresentação do lado de dentro e outro público estava do lado de fora, quando o Regional começou a tocar o público se inverteu, os que estavam dentro foram para a rua e os que estavam na rua entraram (não em sua completude, mas no geral). Demonstrando de alguma maneira que se referem a processos de apropriação distintos.

Nessa tensão da apropriação daquele lugar pelo grupo, pretendo pensar sobre a constituição de espacialidade/espacialidades nesse bar do Centro de Vitória (ES), a partir

---

1

Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, SP; e-mail:

[tuani@usp.br](mailto:tuani@usp.br)

da observação da experiência do grupo Regional da Nair e sua inserção no local. O Bar em análise será compreendido como um território, e busca-se observar a dimensão simbólica desta apropriação. O Bar da Zilda localiza-se no centro da capital capixaba e abriga rodas de samba e pagode todas as semanas. O Centro de Vitória em algum momento de sua história passou a ter uma imagem para os capixabas de um local violento e degradado, principalmente a noite. O mesmo deixou de ser o principal centro de negócios da capital há décadas, apesar de ainda concentrar um comércio popular intenso e alguns órgãos públicos, bem como escola de samba e bares. Desde a de 1980 vem sendo alvo de investimentos relativos à revitalização urbana. O grupo Regional da Nair surgiu em 2008, no Centro de Vitória, na casa da Nair, com amigos que resolveram se juntar para se divertirem tocando, eles se auto-denominam como *samba-freestyle*. Tempos depois formaram um bloco de carnaval, que sai pelas ruas do centro, arrastando cada vez mais foliões. Suas apresentações tiveram uma adesão vertiginosa pelos jovens, em sua maioria universitários.

### **CONTEXTUALIZANDO A RELEVÂNCIA DA QUESTÃO – REVITALIZAÇÃO DO CENTRO DE VITÓRIA E O TEMOR DA GENTRIFICAÇÃO**

O trabalho de Tarcísio Botelho (2005) analisou os esforços revitalizadores do Centro de Vitória (ES) percorrendo o período da década de 1980 até 2003. Este estudo aponta para o perigo de processos elitizantes nas cidades do qual a revitalização pode fazer parte. Percebe-se que o centro da capital capixaba, na década 1960, passou por uma saturação funcional e com o crescimento populacional os investimentos saíram da área central e passaram a ser destinados à expansão urbana de Vitória. “A degradação urbana do centro transpareceu principalmente através do abandono e desvalorização de imóveis, da retirada da classe média e do poder público e da popularização do comércio.” (BOTELHO, 2005, p. 58)

A partir da segunda metade da década de 1980, esforços através do Governo Municipal, nas linhas do planejamento estratégico e do *city marketing*, impulsionaram discursos e investimentos em ações de valorização do patrimônio histórico no centro. Com isso compunha-se um consenso de que “o centro passaria à condição de garantidor da identidade cultural de Vitória.” (BOTELHO, 2005, p. 59). Nos anos 2000, com o Plano Plurianual 2002-2005 as questões identitárias ficam ainda mais fortes, associando-se à

ideia de patrimônio cultural, para além da preservação de edificações, os usos urbanos também passaram a receber atenção. A exemplo disso, Botelho (2005) destaca “o caso do Mercado da Vila Rubim, desprovido de interesse arquitetônico [...] concentrando sobretudo elementos significativos da trajetória local.” (p. 62). Apesar de destacar o caso de revitalização do centro de Vitória como uma possibilidade na contra-mão do processo de *gentrificação*, ele sinaliza que ainda assim é uma questão a ser analisada no cenário futuro. Pois, para ele “As práticas adotadas a partir destes discursos tendem a assumir uma postura elitizante, procurando excluir segmentos considerados indesejáveis.” (BOTELHO, 2005, p. 69). Botelho observa que em Vitória o processo de revitalização urbana tem “diálogo direto com a população local, em uma tentativa de inventar tradições e reafirmar a antiga centralidade.” (BOTELHO, 2005, p. 69). Nessa perspectiva que tensionamos as questões relativas ao Regional da Nair e sua inserção no Bar da Zilda. Estaria este engendrando um processo elitizante ao afirmar a centralidade do Centro de Vitória, enquanto um dos lócus da sua prática? Com esta preocupação que se desenha este estudo, buscando compreender se este processo é desterritorializador e excludente de outras práticas sociais presentes no Bar da Zilda ou se compõe uma multiterritorialidade.

## **ENTRE DESTERRITORIALIZAÇÃO E MULTITERRITORIALIDADE**

Para continuar essa discussão precisamos antes compreender a problemática da desterritorialização e da multiterritorialidade e seus possíveis processos de exclusão. Com isso partimos da preocupação central do trabalho de Rogério Haesbaert. O autor centra-se nas problemáticas do final do século XX, que anunciaram o “fim dos territórios” e assim chama atenção para o avanço dos processos de desterritorialização. Junto a esta questão própria da Geografia, a Sociologia e Antropologia também se atentavam às perdas de base territorial associadas às identidades culturais. Preocupada com a possibilidade deste processo estar em curso no Centro de Vitória, como aponta o estudo de Botelho (2005), além de observar uma intensa valorização mobiliária no local, é necessário se atentar às tentativas de apropriação e dominação neste bairro de Vitória.

Diante deste problema torna-se necessário esclarecer os conceitos que serão articulados ao longo deste trabalho na tentativa de compreender a experiência urbana que se tornou as apresentações do Regional da Nair no Bar da Zilda. O primeiro conceito, e do qual se

desdobrará outros, é a concepção de território. Para Haesbaert, o conceito de território está diante de uma polissemia e por isso, primeiramente agrupa suas concepções em 3 vertentes básicas. São elas: a jurídico-política; a cultural; e a econômica. Neste trabalho, utilizaremos a perspectiva cultural, para análise, priorizando a compreensão dos aspectos simbólicos da apropriação do grupo sobre o espaço. Segundo Haesbaert,

“[...] uma noção de território que despreze sua dimensão simbólica, mesmo entre aquelas que enfatizam seu caráter eminentemente político, está fadada a compreender apenas uma parte dos complexos meandros políticos.” (HAESBAERT, 2001, p. 1770).

Haesbaert ainda aponta que Chivallon (*apud* HAESBAERT, 2001) resguarda ao conceito de território uma ‘experiência total’, delimitando os limites entre dentro e fora, assim como os ‘outros’ e os ‘semelhantes’, portanto no território é possível identificar idealidades partilhadas ou um ‘código-território’ (PERLONGHER *apud* SARAIVA, 2012, p. 26).

Além disso autores como PALLAMIN (2000), JEUDY e JACQUES (2006) apontam para a importância de se compreender as apropriações de ordem cultural para entender as dinâmicas urbanas, bem como a constituição de novas espacialidades contemporâneas que podem ser agentes de processos de gentrificação e consequentemente de desterritorialização.

Diferenciando as apropriação de dominação Haesbaert define que:

“O território envolve sempre, ao mesmo tempo (...), uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de ‘controle simbólico’ sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.” (HAESBAERT, 1997 *apud* HAESBAERT, 2001, p. 1770).

A apropriação que institui um ‘controle simbólico’ sobre o espaço que os grupos sociais experimentam ou ocupam pode ser entendida como territorialidade. Diante disso, Haesbaert traz outras duas noções: multiterritorialidade e desterritorialização.

A desterritorialização está ligada aos processos de exclusão política, cultural ou social, “é vista então como uma espécie de desmaterialização das relações sociais.” (HAESBAERT, 2001, p. 1772). É importante, então, observar a desterritorialização como perda de apropriação simbólica. Dessa maneira, desterritorializado é aquele que perde o domínio da apropriação simbólica ao mesmo tempo que territorializa-se uma nova apropriação do

território, este processo pode-se dar de maneira total ou parcial. Enquanto isso, a multiterritorialidade seria a marca de territorialidades sobrepostas mas não mutuamente excludentes. Associando-se assim, mais às experiências múltiplas de uma mobilidade opcional e não compulsória como no caso da desterritorialização.

## **SAKARIBA COMO CATEGORIA ANALÍTICA: SOBRE OS USOS DO TERRITÓRIO**

Barnard Lepetit (2001) constatou que as formas urbanas receberam muito mais atenção nos estudos urbanos que os usos sociais da cidade, e como signo e prática social devem ser compreendidos como processos em construção, sujeitos a mudanças, rupturas, sobreposições, compartilhamentos. E considera os usos sociais como uma variável explicativa do processo de constituição dos território, assim como Rogério Haesbaert ao falar das apropriações simbólicas como componente do território.

Este estudo, insere-se nessa perspectiva de observação do uso do território do Bar da Zilda pelo grupo Regional da Nair, que inclui seus frequentadores. Para a análise, a categoria *Sakariba* descrita por Lepetit (2001), parece ser adequada à realidade de apropriação em questão. A *Sakariba*, no Japão, se refere à centralidade de um uso específico de um território, diminuindo a ênfase no lugar dirigindo-se à experiência urbana. “Os *Sakaribas* são concentrações efêmeras na urbanidade [...]” (LEPETIT, 2001, p. 143). Entenderemos, o grupo Regional da Nair, como *Sakariba*, para tensionar os conceitos de desterritorialização e multiterritorialidade de Haesbaert, e compreender quais processos estão em curso na apropriação específica do Bar da Zilda. Essa categoria, torna-se válida quando observamos que a experiência de ir a um evento do Regional da Nair em qualquer lugar é muito semelhante, apesar de se apresentarem do espaço público ao privado, na praia ou na rua, a experiência não encontra distorções com a variação do território físico. Parece que o grupo Regional da Nair se constitui enquanto uma centralidade que se dissolve ao final das apresentações, tornando o processo de apropriação do território ambíguo.

Saraiva (2012) indica que autores, como Arantes (2000) e Agier (2011) (*apud* SARAIVA, 2012) veem trabalhando a partir da experiência urbana, ao invés de focar as análises na cidade, direcionam-se aos cidadãos, aos sujeitos que se envolvem nas relações urbanas. Essa reflexão fica ainda mais evidente com a conceituação de território trazida por ela. A

partir de Deleuze e Guatarri, pensa o território, de uma maneira mais ampla, encara este como o território subjetivo, dessa maneira afirma que: “Não é o indivíduo que está no território, mas o território é que está no indivíduo.” (SARAIVA, 2012, p. 24). Assim definirá as territorialidades a partir dos códigos peculiares que um grupo compartilha, ou seja, significações sociais. Daí pensarmos o grupo Regional da Nair enquanto uma territorialidade, que liga-se não a um território com uma fixitude espacial, mas à um ‘código-território’ que se refere a um tipo de produção de subjetividade do grupo e de seus frequentadores. “O território é, portanto, o conjunto das representações, dos comportamentos, dos investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos” (SARAIVA, 2012, p. 25-26).

De maneira análoga ao *michê* analisado por Perlongher (*apud* SARAIVA, 2012), o Regional “arrasta consigo um “código-território” por onde quer que vá. [...] A *territorialidade itinerante* pode ser lida como uma manifestação de *nomadismo urbano*.” (SARAIVA, 2012, p.26). Apesar disso, o nomadismo do *michê* envolve um território marginal, enquanto o caso do Regional não se apresenta da mesma maneira. Em termos de classe, poderíamos dizer que se encaixariam mais em um plano dominante, mas como apropriação cultural encontra-se num espaço que nem é da ordem da indústria cultural, nem se impõe enquanto resistência neste cenário cultural. Então, para pensarmos este lugar que ocupa preferimos a utilização da categoria *Sakariba*, que se refere à centralidade que cria em torno de suas apresentações ao mesmo tempo que dá conta dessa *territorialidade itinerante*, carregando o “código-território regional” por onde passa, cristaliza assim uma formação subjetiva específica.

## **DO PONTO DE PARTIDA AO PONTO DE CHEGADA**

Através da revisão teórica apresentada anteriormente, discutirei através das duas eventualidades que deram partida a este estudo, são elas: a sugestão de retornar ao bar no dia em que os ‘universitários’ se apresentariam; e o caso do evento junto com o Lobos do Samba. Ambos os momentos são elucidativos sobre o diálogo entre o Regional da Nair e o Bar da Zilda.

Em um dia qualquer, não me recordo se uma terça ou uma sexta-feira, fui ao Bar da Zilda para aproveitar um samba/pagode. O Bar nesses dias tem um clima mais popular. A banda

que se apresenta chama-se Lobos do Samba, que toca rotineiramente, às terças, sextas, sábados e domingos é praticamente certo encontrar por lá o Lobos do Samba. Tocam há mais de 6 anos no mesmo local. Poderíamos dizer que o Bar da Zilda é território do Lobos do Samba, pelo menos um dos que ele se apropria, em termos físicos e simbólicos, e engendram ali um ‘código-território’ do samba no Centro de Vitória. O Bar é o mais conhecido do centro quando se fala em samba, por ali não se paga para entrar, tem fama da cerveja mais gelada, e atrai os moradores do centro, bem como das redondezas, além dos admiradores do samba.

Diferentemente, dos dias de Lobos do Samba, o público do Regional da Nair, e não o público do Bar da Zilda, é composto principalmente de moradores da parte norte da capital (região de expansão da cidade, quando o Centro de Vitória se tornou região degradada), a maior parte deles são universitários ou foram, isso é marcante. E poucos frequentam o Bar da Zilda em dias que o Regional da Nair não se apresenta.



Lobos do Samba no Bar da Zilda (Foto: LÍzia De Boni, 2014)



Regional da Nair no Bar da Zilda (Foto: Lino Feletti, 2012)

O convite proposto pelo atendente do bar traz algumas reflexões. Primeiramente, sobre o ‘código-território-regional’ que carrego, que diz algo sobre mim e sobre o Regional da Nair e seus frequentadores. O atendente identificou uma subjetividade compartilhada entre eu e o Regional da Nair, classificada por ele como universitária. De alguma maneira esse ‘código-território’ se refere à um modo de se vestir, conversar, se expressar e de se relacionar com as pessoas, com os lugares e as coisas, o ‘código-território’, assim compõe em parte a corporalidade dos seus frequentadores. Por mais que esta categoria, apareça a partir do pensamento de Deleuze e Guatarri, que identificam agenciamentos dos indivíduos, é inevitável que exista um compartilhamento social dos códigos. O que nos leva a pensar em ambos grupos de maneira generalista, não comportando falar aqui das especificidades e das linhas de fuga que podem vir a aparecer.

Gabriela Mignoni realizou uma monografia sobre o Regional da Nair, no âmbito do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, e como resultado produziu um site com o conteúdo de seu trabalho. Apesar da monografia se propor numa perspectiva etnográfica, me parece que a pesquisadora toma em alguns momentos o discurso dos frequentadores como discurso dela, e ainda traz alguns problemas quando analisa a ocupação dos lugares pelo grupo. Quando diz que o grupo costuma se apresentar em lugares muitas vezes inexplorados, demonstra pouca inserção, ou um desconhecimento sobre outras práticas cotidianas destes locais. Como é o caso da Curva da Jurema (praia de Vitória), do Bar da Zilda, das ruas do Centro de Vitória. Estes locais podem ser entendidos



como pouco explorados pelos detentores de uma subjetividade mais condizente com o Regional, mas isso não pode se referir aos cidadãos de maneira geral. Apesar disso, o estudo dela sinaliza sobre o ‘código-território’ que estabelece fronteiras e limites, entre *nós* e *os outros*, bem como uma representação de si e dos outros através das narrativas de seus frequentadores, e essa análise, particularmente, é interessante. Essa análise parece sintetizar a ideia de que a territorialidade constituída pelas apresentações Regional da Nair se diferencia de outras. Neste momento, não é possível prolongar-se sobre quais seriam os aspectos de diferenciação, isso envolveria um maior aprofundamento sobre o grupo e seus frequentadores. O que é mais significativo nesta discussão é reconhecer a existência desses limites entre os frequentadores e ‘*os outros*’, do que qualificar esses aspectos.

O segundo caso, serve para explicitar mais fortemente as fronteiras e limites impostos pelo *código-território* ou *territorialidade Regional*. Este se refere à apresentação do Regional da Nair em seguida à apresentação do Lobos do Samba no Bar da Zilda. O evento foi divulgado no facebook e no boca a boca, e na hora marcada a movimentação se iniciou no Centro de Vitória, no Bar da Zilda. Pela primeira vez, parecia que o público ali presente dissolvia de alguma maneira a ideia de uma *territorialidade regional*. Mas, primeiro se apresentou o grupo Lobos do Samba, do lado de dentro no seu lugar de costume. Um público, pequeno em relação ao número de pessoas que estavam na rua, acompanhava eles tocando do lado de dentro, enquanto a maior parte das pessoas permanecia do lado de fora do bar. Tocaram entre 1 e 2 horas e depois disso o Regional da Nair entrou para sua apresentação. Trocaram as mesas de lugar, jogaram uma chita (tecido) com cores fortes e estampada com flores por cima das mesas, como de costume, e antes de começarem a tocar já começava o burburinho e as pessoas a se movimentarem. Os que estavam fora se espremiavam buscando um espaço dentro, e próximo a mesa de preferência, enquanto os que estavam acompanhando o grupo Lobos do Samba, em sua maioria, começaram a se dispersar, indo para fora ou indo embora. Então, aquela territorialidade que parecia dissolvida ao primeiro olhar de quem chegava, se fortalecia a cada música que cantavam e gritavam. De alguma maneira, a apropriação do Regional da Nair sobre o Bar da Zilda instituiu um ‘controle simbólico’ sobre o espaço que o grupo experimenta.



Lobos do Samba se apresentando no mesmo dia que o Regional da Nair (Foto: Lino Faletti, 2012)



Regional da Nair se apresentando no mesmo dia que o Lobos do Samba no Bar da Zilda (Foto: Lino Faletti, 2012)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – DESTERRITORIALIZAÇÃO TEMPORÁRIA

A partir das discussões pautadas neste estudo, falar de um *código-território-regional*, parece mais adequado que falar de um *território-regional* para nos referir à territorialidade que o Regional da Nair constituiu. Exatamente pela ideia da centralidade e itinerância, que a categoria *Sakariba*, permite refletir.

O Regional da Nair se apropria dos espaços, impondo um ‘controle-simbólico’ através de seu código-território. Esse controle é efêmero, e se dissolve quando seus eventos acabam. Seus eventos não são capazes de fixar a territorialidade do grupo em relação à dimensão jurídico-política ou física do território, ela é transitória, como as *Sakaribas* japonesas. Dessa maneira, por onde passa institui uma centralidade, arrastando um grande público.

A medida que as apresentações do grupo Regional da Nair engendra um código-território específico, elas acabam impondo constrangimentos à participação daqueles que não compartilham dos mesmo códigos. No caso da apresentação do Lobos do Samba e a dispersão de determinado público que os acompanhava, é necessário atentar-se aos processos elitizantes de gentrificação que podem estar em curso no Centro de Vitória. Com este caso, torna-se preocupante a inserção dos ‘universitários’ no Bar da Zilda, que se apresenta como um bar descolado desta característica.

O processo de gentrificação implica uma desterritorialização, com base na exclusão e expulsão daqueles considerados como indesejáveis. Para a gentrificação se realizar, a desterritorialização deve se completar de maneira que os constrangimentos impostos pelo novo código-território instituído impeça a reprodução de um modo de vida ‘indesejável’.

O tipo de apropriação do Regional da Nair não se demonstrou capaz de realizar um processo de desterritorialização completo, isso seria a emergência de um território-regional, quando ainda necessitamos falar de uma centralidade transitória ao invés da constituição de um território próprio do grupo.

Apesar disso, o termo multiterritorialidade também não dá conta das especificidades desta apropriação. Já que o caso da apresentação do Lobos do Samba, no mesmo dia do Regional da Nair, demonstrou que as territorialidades sobrepostas no Bar da Zilda são excludentes.

Com isso, considero que a melhor maneira de compreender o Regional da Nair em relação ao Bar da Zilda seja como uma desterritorialização temporária ou transitória. Já que a

apresentação do grupo naquele bar desmaterializa as relações sociais cotidianas. E há uma perda de apropriação simbólica do Bar da Zilda, por parte dos seus frequentadores habituais, gerando um processo de exclusão. Porém toda esta trama se desfaz quando o Regional vai embora, e aquele território volta a sua apropriação cotidiana, sem alterá-la de forma significativa, sendo incapaz de alavancar um processo de gentrificação. O Regional vai, o Bar da Zilda fica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOTELHO, Tarcísio. Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. In: **Revista eure**. Vol. XXXI, n 93. Santiago, 2005. pp. 53-71.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **Encontro Nacional da ANPUR**. IX, 2001. Rio de Janeiro, ANPUR, 2001. pp. 1769-1777.

JEUDY, Henri Pierre, JACQUES, Paola Berenstein (Orgs.). **Corpos e cenários urbanos: territórios e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA; PPG-FAUFBA, 2006.

LEPETIT, Bernard. É possível uma hermenêutica Urbana? In: **Por uma nova história urbana**. Editora Universidade. São Paulo. 2001. pp. 137-147.

MIGNONI, Gabriela. **Tudo é palco**. Disponível em: <tudoepalco.com.br>. Acesso em 5 de julho de 2014.

PALLAMIN, V. M. **Arte Urbana** - São Paulo: região central (1945-1998). 1. ed. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2000.

SARAIVA, Marina. Territórios dos sentidos: da emergência dos processos de subjetivação na metrópole contemporânea. In: **Revista Espaço Acadêmico**. N 132, maio 2012.